

(in: PUCHKIN, A. S.. *A Dama de Espadas – prosa e poemas*
(trad. B. Schnaiderman e N. Ascher). São Paulo: Editora 34,
1999.)

O DEMÔNIO

Quando não me era ainda insossa
cada impressão da vida outrora
— rumor de bosque, olhar de moça,
canção de rouxinol na aurora —
e quando a liberdade, o amor,
a glória, as artes, o melhor
da inspiração e altas idéias
turbavam-me o sangue nas veias,
um certo espírito nefando,
trazendo angústia e me anuviando
horas confiantes de prazer,
passou, em sigilo, a me ver.
O nosso encontro era sombrio
e ele sorria com o olhar
cheio de escárnio ao me instilar
dentro da alma um veneno frio.
Pois caluniava sem receio
e desafiava a Providência,
julgava o Belo — um devaneio,
a Inspiração — tolice imensa,
o amor e a liberdade — vis.
E, olhando altivo, com profundo
desprezo, a vida, ele não quis
abençoar nada em todo o mundo.

(1823)

O SEMEADOR

O sementeiro saiu para semear

Eu sementeiro, deserto afora,
da liberdade, fui com mão
pura lançar, antes que a aurora
nascesse, o grão que revigora
nos sulcos vis da escravidão.
Mas todo o esforço foi em vão:
joguei vontade e tempo fora.

Pasce, pois eu te repudio,
ralé submissa e surda ao brio.
Libertar gado é faina ingrata,
pois gado se tosquia e mata.
Herda, por gerações a fio,
canga, chocalhos e chibata.

(1823)

A UVA

Não choro, finda a primavera
ligeira, a rosa que definha,
pois, maturando numa vinha
ao pé do monte, a uva me espera:
primor do vale viridente,
deleite do dourado outono,
tão diáfana e tão longa como
os dedos de uma adolescente.

(1824)

Por que te inquietas, prosador?
Escolhe os temas e, ao que for,
eu darei gume, alada rima,
e farei dele flecha exímia
que, após deixar a corda tesa
do arco dobrado servilmente,
voará certa até que a presa,
nosso inimigo, se lamente!

(1825)

Recordo o luminoso instante
quando eu, tomado de surpresa,
te vi: súbita imagem, diante
de mim, da essência da beleza.

Desenganado e triste, a sós
no caos do mundo, ouvi durante
anos, em mim, a tua voz,
vi, no meu sonho, teu semblante.

Passou o tempo; um vento atroz
varreu meu sonho ao seu talante,
e não ouvi mais tua voz,
deixei de ver o teu semblante.

Minha existência se esvaía
no exílio inóspito e incolor,
sem vida, lágrimas, poesia,
sem divindade nem amor.

Reapareceste e nesse instante
minha alma despertou surpresa;
revi, súbita imagem diante
de mim, a essência da beleza.

Meu peito, cheio de alegria,
bate de novo; há no interior
dele outra vez vida, poesia,
lágrimas, divindade, amor.

(1825)

ALEXANDRE I

Junto aos tambores, nosso tsar
criou-se e, capitão sem par,
em Austerlitz debandou cedo,
no ano de doze teve medo,
mas como, até cansar-se, foi
Sumo Instrutor de marcha, o herói
tornou-se enfim vice-assessor
no Ministério do Exterior.

(1825)

Há pouco é tsar e opera
milagres com afinco:
mandou já cento e vinte homens à Sibéria
e, ao cadafalso, cinco.

(1826?)

O mar, terror antigo, inflama
num tempo infame a tua mente?
Louvas com lira de ouro a fama
do atroz Netuno e seu tridente.

Desiste: o deus se fez parceiro
da terra e o homem no momento
é, tanto faz em que elemento,
traidor, tirano ou prisioneiro.

(1826)

Num ermo, eu de âmago sedento
já me arrastava e, frente a mim,
surgiu com seis asas ao vento,
na encruzilhada, um serafim;
ele me abriu, com dedos vagos
qual sono, os olhos que, pressagos,
tudo abarcaram com presteza
que nem olhar de águia surpresa;
ele tocou-me cada ouvido
e ambos se encheram de alarido:
ouvi mover-se o firmamento,
anjos cruzando o céu, rasteiras
criaturas sob o mar e o lento
crescer, no vale, das videiras.
Junto a meus lábios, rasgou minha
língua arrogante, que não tinha,
salvo enganar, qualquer intuito,
da boca fria onde, depois,
com mão sangrenta ele me pôs
um aguilhão de ofídio arguto.
Vibrando o gládio com porfia,
tirou-me o coração do peito
e colocou carvão que ardia
dentro do meu tórax desfeito.
Jazendo eu hirto no deserto,
o Senhor disse-me: “Olho aberto,

de pé, profeta e, com teu verbo,
cruzando as terras, os oceanos,
cheio do meu afã soberbo,
inflama os corações humanos!”

(1826)

Muitos singrávamos: havia
 quem retesasse a vela e quem
 remasse enérgico também.
 Calado em meio à calmaria,
 o hábil piloto estava à frente,
 firme ao timão, da náu pesada.
 E eu lhes cantava sem de nada
 cuidar quando a tormenta brada,
 traga a equipagem de repente
 e rasga as ondas sem repouso.
 Só eu, cantor misterioso,
 salvo que fui pela rajada,
 estou na praia e canto um hino,
 sob um rochedo, ao sol a pino,
 secando a clâmide molhada.

(1827)

Fundo nos veios da Sibéria,
 tende paciência e brio: jamais
 é vão sofrer pena severa
 quando são altos os ideais.

Constante irmã da desventura,
 logo a esperança propicia
 júbilo e ardor na furna escura;
 há de chegar o ansiado dia:

hão de alcançar-vos amizade
 e amor, rompendo a tranca atroz,
 como, através de muro ou grade,
 chega-vos livre a minha voz.

Vereis, sem peso de correntes,
 ante as masmorras arrasadas,
 a liberdade — e irmãos contentes
 devolverão vossas espadas.

(1827)

Dom inútil, dom fortuito,
por que a vida me foi dada?
E o destino, com que intuito
a condena a um fim: o nada?

Que poder hostil, do pó,
suscitou minha alma ardente
e lhe deu paixão, mas só
dúvidas à minha mente?

Sigo a esmo de ermo peito,
mente ociosa e, sem saída,
pesaroso, eu me sujeito
ao maçante som da vida.

(1828)

Corvo junto a corvo pouca,
corvo e corvo puxam prosa:
“Onde encontraremos nosso
alimento para o almoço?”

Corvo a corvo então responde:
“Ei-lo, corvo, já sei onde —
lá debaixo do salgueiro,
jaz no prado um cavaleiro.

Quanto a quem, por que razão,
o matou, só seu falcão,
seu corcel e noiva têm
isso claro — mais ninguém.

O falcão sumiu no céu.
Quem fez mal monta o corcel.
E eis que a noiva aguarda o noivo,
não o morto, mas o novo”.

(1828)

O ANTCHAR

*It is a poison-tree that pierced to the inmost
Weeps only tears of poison.*

Coleridge

No solo em brasa do lugar
mais desolado, seco, adverso,
qual sentinela atroz, o antchar
se ergue sozinho no universo.

A sede elementar dos ermos,
que o fez num dia de ira, imbuiu,
tanto seus ramos verde-enfermos
quanto a raiz, de seiva hostil.

Sua casca, sob o sol, a exsuda
viscosa e, assim que ele declina,
essa peçonha se transmuda
em goma espessa e cristalina.

Nada o visita — ave nem tigre —
exceto, às vezes, a tormenta
que paira escura antes que migre
de lá veloz e pestilenta.

Se a nuvem ao vagar lhe molha
a densa copa, a chuva priva
com seu veneno em cada folha
e chega ao solo já nociva.

Um homem, com olhar de mando,
enviou, porém, outro ao antchar
e o homem servil se foi, voltando
com sua resina ao clarear.

Também trazia um ramo cheio
de folhas murchas, e um riacho
de suor gelado, quando veio,
jorrava por seu rosto abaixo.

Mal viera, o escravo esmoreceu,
caiu na tenda e sobre a esteira
jazeu, morrendo aos pés do seu
rei, que ninguém jamais vencera.

E este, com setas obedientes
que repassara na resina,
levou às terras de outras gentes
conflagração, morte e ruína.

(1828)

O CAVALEIRO POBRE

Noutros tempos existiu
certo cavaleiro pobre,
tinha ar pálido e sombrio,
porém alma audaz e nobre.

Ele amava uma visão
intangível para a mente,
mas que no seu coração
enraizou-se fundamente.

Pois rumo a Genebra havia
visto, junto de uma cruz
na estrada, a Virgem Maria,
a mãe santa de Jesus.

Depois, alma em chamas, não
olhou mais outra mulher,
nem falou mais, desde então,
com nenhuma até morrer.

Desde então jamais tirou
a viseira do seu rosto
e um rosário colocou
onde o cachecol é posto.

Pai, Filho e Espírito Santo
nunca ouviram rezas desse
paladino que, portanto,
só causava mesmo espécie.

Dirigindo, noite e dia,
tristes olhos ao semblante
da Santíssima, vertia
mudamente rios de pranto.

Fez do sonho a sua lei,
transbordava amor e, fiel,
gravou *Ave Mater Dei*
com sangue no seu broquel.

Quando os outros paladinos,
suas damas nomeando,
pelos prados palestinos,
confrontavam túbios bandos,

Lumen Coelum, Sancta Rosa
ele proclamava ufano
e sua ameaça irrosa
debandava o muçulmano.

De regresso ao seu castelo,
pôs-se em dura reclusão,
triste, amando ainda com zelo,
e morreu sem confissão.

Falecia o cavaleiro
quando o espírito maligno
veio e quis levar ligeiro
a alma dele ao seu domínio:

não jejuara nem rezara
ao Senhor nunca e, além disto,
arrastou a asa à preclara
mãe do próprio Jesus Cristo.

A Puríssima, contudo,
sem deixá-lo ir para o inferno,
fez seu paladino mudo
penetrar no Reino Eterno.

(1829)

“AMEI-TE...”

Amei-te — e pode ainda ser que parte
do amor esteja viva na minha alma.
Mas isto, pois em nada hei de magoar-te,
não deve mais tirar a tua calma.
Sem esperança e mudo em meu quebranto,
morto de ciúme e timidez também,
eu te amei tão sincero e terno quanto
permita Deus que te ame um outro alguém.

(1829)

NOTAS AOS POEMAS

Boris Schnaiderman

O SEMEADOR

Foi escrito em novembro de 1823, suscitado ao que parece pelo esmagamento da revolução na Espanha pelo exército francês. Numa carta a A. I. Turguêniev, datada de 1/12/1823, referia-se assim a esses versos: "... escrevi há dias uma imitação da fábula do democrata moderado Jesus Cristo".

A epígrafe é do Evangelho: *Mateus*, 13, 3.

PARA ***

Foi escrito em Mikháilovskoie, propriedade rural do pai de Púchkin, que estava encarregado pelas autoridades de zelar pelo comportamento político do poeta e cumpria à risca essa função, inclusive com uma vigilância estrita sobre as suas amizades e leitura prévia das cartas que recebia.

A única família que ele então costumava visitar na vizinhança era a de sua parenta distante P. A. Óssipova, que tinha duas filhas com quem manteve relações de amizade (e talvez um ligeiro namoro com a mais nova). No verão de 1825, hospedou-se ali a sobrinha de Óssipova, A. P. Kern, que era casada com um velho general. Púchkin a tinha conhecido cerca de seis anos antes e, depois de reencontrá-la, passou a escrever-lhe longas cartas, quase todas em francês. O poema em questão foi entregue em mãos quando eles se despediram.

Na primeira carta, ele mantinha um tom bastante brincalhão e galante, mas usando também fórmulas tradicionais de respeito e contenção. Assim, ele pedia à jovem senhora que

transmitisse *mille tendresses* ao general seu marido, mas pouco depois perguntava se ela ia guardar a carta junto ao seio.

Percebendo o que ocorria, a parenta de Púchkin tratou de despachar de volta sua sobrinha, mas a correspondência entre a amada e o poeta continuou. Depois que eles tornaram a encontrar-se três anos mais tarde, agora em Petersburgo, ele escreveu a um amigo: “Você não me diz nada sobre os 2.100 rublos que lhe devo, mas escreve sobre Madame Kern, que eu, com a ajuda de Deus, comi há dias” (presume-se que este seja o verbo, mas ele foi substituído, na edição da Academia, por reticências pudicas).

Nos estudos literários russos, essa carta é citada como exemplo da diferença entre realidade poética e realidade empírica.

O poema foi apontado muitas vezes como uma das expressões máximas do romantismo russo. Musicado por M. I. Glinka, a canção é executada de modo sentimental num filme soviético sobre a biografia do compositor.

ALEXANDRE I

Evidentemente, o texto só pôde circular em cópias manuscritas.

Quando estava em Mikháilovskoie, praticamente em prisão domiciliar, o poeta fraquejou e procurou, por intermédio de amigos chegados ao czar, conseguir que este o autorizasse a viajar ao exterior para tratamento de um aneurisma. Chegou mesmo a dirigir-se ao soberano, numa carta em francês, mas esta não foi encaminhada por eles. Em lugar disso, a mãe do poeta fez esse pedido ao czar; a permissão foi negada, autorizando-se então Púchkin a fazer um tratamento na cidade de Pskov, onde, segundo ele mais tarde, em outra carta, seria operado por um hábil veterinário, famoso por seu livro sobre doenças de cavalos. Em vista disso, ele declinou o oferecimento. Conservou-se o rascunho de outra carta desesperada a Alexandre I, em francês, e que também não foi enviada.

NICOLAU I

A quadra foi escrita após o julgamento dos “dezembristas”, amigos de Púchkin.

No entanto, no ano seguinte à revolta armada, o poeta enviou uma petição humilde a Nicolau I, na qual afirmava estar na propriedade paterna, sob vigilância policial, por haver escrito uma carta com “afirmação leviana sobre o ateísmo” e solicitava autorização de viajar a Moscou, Petersburgo ou o exterior. Além da petição, encaminhava também uma declaração no sentido de que jamais pertencera a qualquer associação secreta e obrigava-se a nunca filiar-se a alguma.

Mais tarde, ele ficaria agregado à corte, num cargo subalterno, enquanto a mulher com quem se casara brilhava nos salões — uma situação que teria desfecho na morte em duelo, provocado por ele por razões de ciúme.

PARA VIÁZEMSKI

Dedicado a seu amigo, o poeta P. A. Viázemski (1792-1878).

ÁRION

A marca da poesia neoclássica do século XVIII é bem forte em Púchkin, sobretudo na primeira fase de sua obra. Neste poema, entretanto, a referência ao poeta mítico, com quem se identifica, foi um meio que encontrou para burlar a censura e falar de sua condição de amigo de muitos dos “dezembristas”.

Realmente, eram relações de amizade, mas, ao que tudo indica, ele não participou dos preparativos para o levante militar de dezembro de 1825, o primeiro movimento armado contra a autocracia dos czares. Quando ele irrompeu e foi esmagado implacavelmente, Púchkin estava em residência forçada na propriedade rural de seu pai, em Mikháilovskoie.

MENSAGEM À SIBÉRIA

O poema, que se dirigia a seus amigos “dezembristas”, então em trabalhos forçados na Sibéria, evidentemente não pôde ser publicado e circulou em cópias manuscritas, que estavam se tornando verdadeira tradição na Rússia.

CORVOS

Segundo foi apontado por Edwin Morgan, poeta escocês e tradutor, que transpôs poemas de Púchkin para o inglês e o escocês, este poema é paráfrase de uma balada escocesa. A balada vem transcrita a seguir, seguida de tradução por Nelson Ascher:

THE TWA CORBIES

*As I was walking all alane,
I heard twa corbies making a mane:
The tane unto the tither did say,
“Whar shall we gang and dine the day?”*

*“In behint yon auld fail dyke
I wot there lies a new-slain knoght;
And naebody kens he lies there
But his hawk, his hound, and his lady fair.*

*“His hound is to the hunting gane,
His hawk to fetch the wild-fowl hame,
His lady's ta'en anither mate,
So we may mak' our dinner sweet.*

*“Ye'll sit on his white hause-bane,
And I'll pike out his bonny blue e'en:
Wi ae lock o' his gowden hair
We'll theek our nest when it grows bare.*

*“Mony a one for him maks mane,
But nane sall ken whar he is gane:
O'er his white banes, when they are bare,
The wind sall blaw for evermair.”*

OS DOIS CORVOS

Sozinho eu caminhava quando,
Ouvi dois corvos conversando:
Um disse ao outro “em que lugar
Havemos hoje de almoçar?”

“Vi um cavaleiro há pouco ao lado
Do velho açude — assassinado —
Mas sabem disso e onde repousa
Só seu falcão, seu cão e a esposa.

“Seu falcão voa atrás de um bando
De aves, seu cão está caçando,
A esposa tem outro em seu leito:
Podemos, pois, comer direito.

“Hás de pousar no seu pescoço;
Comerei olho azul no almoço;
Tomando-lhe uma mecha loira,
Forremos nosso ninho agora.

“Malgrado o unânime lamento,
Ninguém saberá dele — o vento
Vai soprar sobre a descarnada
E alva nudez de sua ossada.”

O ANTCHAR

Os versos de S. T. Coleridge foram aqui transcritos como eles aparecem no manuscrito de Púchkin.

Na publicação em revista, ao final do poema, em lugar de “príncipe” (*kniiaz*) estava “czar”, sendo pouco provável que se tratasse de um erro de imprensa, e isso provocou suspeitas da parte de A. K. Benkendorf, chefe da polícia política. Púchkin escreveu-lhe depois uma carta explicando que, embora Nicolau I tivesse feito a graça de censurar pessoalmente os textos do poeta, no entender deste isso não lhe tirava o direito de publicar poemas que tivessem sido aprovados pela censura comum. Evidentemente, porém, este episódio contribuiu para deixar Púchkin ainda mais tolhido em sua atividade, mais submetido aos rigores do sistema.

Antchar é uma árvore do Arquipélago Malaio e, graças a este poema, o nome passou a ser corrente na linguagem culta dos russos. Segundo observação de Nelson Ascher, a tradução deste poema para o inglês, por Vladímir Nabokov, é acompanhada de uma nota que esclarece tratar-se de *Antiaris taxicaria*.

O CAVALEIRO POBRE

Púchkin tentou publicar este poema numa revista, com pseudônimo e bastante atenuado, mas ele não saiu por motivos de censura. Outra versão, igualmente atenuada, foi incluída pelo poeta numa peça que ficou inacabada e à qual o editor deu postumamente o título de “Cenas do tempo da cavalaria”. Durante muito tempo, era este o texto que se conhecia. Uma passagem em que há leitura deste poema em voz alta, na versão atenuada, desempenha papel importante no desenrolar do romance *O idiota*, de Dostoiévski, que não teve acesso à versão mais completa.

Além desta tradução, baseada no texto russo, houve pelo menos três outras no Brasil. A de Olavo Bilac se originou, pelo visto, numa tradução francesa (o nome do poeta está até

grafado como “Pouchkine”). Segundo já escrevi, ele “parece ter concentrado a altissonância parnasiana, as trombetas e clarins que reservava para alguns temas de eleição, e tudo isso apenas contribuiu para falsear o tom do original” (ver Olavo Bilac, *Poesias*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1938, 17ª edição, pp. 163-4).

Há outra versão, em tom elevado, com decassílabos e *terza rima*, e que também se afasta da aparente singeleza de Púchkin, incluída na tradução de *O idiota* por José Geraldo Vieira (Rio de Janeiro, José Olympio, 1960, p. 259).

Recentemente, saiu uma terceira, no livro de poemas de Púchkin, selecionados e traduzidos do russo por José Casado. Trata-se de um esforço notável, sendo as traduções acompanhadas de um aparato de notas e de um estudo minucioso sobre a tradução, ou melhor, a paráfrase de Bilac (Aleksandr Púchkin, *Poesias escolhidas*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, organização, tradução e notas de José Casado, pp. 134-7, 236-40). No caso deste poema, deve-se frisar que José Casado certamente não conhecia nossa tradução, que só tinha sido publicada no “Folhetim” da *Folha de S. Paulo* dedicado a Púchkin, em 2/2/1987.

Ver também meu ensaio “Vicissitudes de um poema”, publicado em *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*, São Paulo, Duas Cidades, 1983, pp. 61-7.

AMEI-TE

Este poema é citado por Jakobson em seu conhecido estudo “Poesia da gramática e gramática da poesia” (tradução brasileira de Cláudia Guimarães de Lemos, in Roman Jakobson, *Linguística, poética, cinema*, São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 74), como exemplo de “poema sem imagens”, onde a “figura de gramática (...) domina e sobrepuja os tropos”.

NOTA

Agradeço a Aleksandar Jovanovic, Antonio Medina Rodrigues, Francisco Achcar, Elena Nikitina (minha professora de russo) e Haroldo de Campos, pelas críticas e sugestões feitas às traduções dos presentes poemas.

Nelson Ascher

SBD/FFLCH

SBD / FFLCH / USP

Bib. Florestan Fernandes Tombo: 324911

Aquisição: DOAÇÃO /

Proc. / EDUSP/FEIRA DO LIVRO

N.F. / R\$ 40,00 19/7/2010